

Publica-se aos sábados
Bob os auspícios da Liga
Anticlerical do Rio
ASSINATURAS:
 ANO 10\$000
 SEMESTRE 6\$000
PAGAMENTO ADIANTADO
 Nas assinaturas para o exterior
 há a diferença do porte do Correio.

Lanterna

ANTICLERICAL DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUNBOTH
 Redação e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
 Endereço telegráfico: LANTERNA
 Toda correspondência ao director

O NOSSO ANTICLERICALISMO

O nosso não é o anticlericalismo que, com algumas medidas anódinas e inofensivas contra o «poder eclesiástico», procura, não favorecer a liberdade e o povo, mas fortalecer outro poder, outro privilégio, outro domínio sobre a vida e subjugando as ameaças da revolução. Esse anticlericalismo, que repudiamos com asco, é instrumento de governo e de opressão, é o último refúgio dos regimes na agonia.

Nada tem de comum com o nosso anticlericalismo integral — contra a Igreja, como poder político, econômico e religioso — a força material e espiritual, como sustentáculo de tiranias e apoio de privilégios, como estorvo à emancipação social, e contra a religião que lhe serve de pretexto teórico. Nós não queremos consolidar privilégio algum, defender a supremacia de poder algum. Somos por todas as liberdades contra todas as opressões.

Quem nos ajuda?

A ninguém é permitido negar o imenso perigo que corre a causa do livre pensamento atualmente no Brasil.

Pouco a pouco a acção daqueles que trabalham na sombra vai-se fazendo cada vez mais sentir, e quando se voltam às pressas, não encontram mais nada mais significativa do que o trabalho de uma certa classe de indivíduos em querer que o povo permaneça no mesmo estado de embrutecimento e de indiferença pelas coisas que lhe dizem respeito.

Hoje é a lei de expulsão, amanhã a lei de imprensa, depois outra e mais outra ainda, até que, senhores do campo, estiver terminada a obra.

O povo desconhece, porém eles têm presente sempre a memória o que pensava Voltaire a respeito da matéria, não obstante ser o autor do *Cândido* um dos homens mais detestados por eles. «Parece-me essencial que haja pobres e ignorantes... Quando a população se põe a raciocinar está tudo perdido».

Ora, hoje a população parece mesmo querer dar-se ao trabalho de examinar um pouco mais de perto a sua situação, conhecer, indagar, as causas deste fenómeno singular que a impede de nutrir-se quando tem fome, de descansar e tratar-se convenientemente quando está fatigada ou doente, de dormir quando é preciso refazer as forças, de ter enfim o direito de viver como qualquer mortal.

E, como sabe também que, sem unísono, nada poderá fazer de positivo contra as forças que lhe são contrárias, opoentes, vai pouco a pouco, aqui e ali, formando os seus núcleos de resistência que tanto medo despertam nos arraiais inimigos: ligas, sindicatos, federações, com os seus respectivos órgãos de imprensa.

E precisamente nestes órgãos que labutam tirando ao descanso algumas horas para empregar-as na defesa comum, aqueles que lhes chamam os cabeças (les meneurs), pela única razão de poderem coordenar alguns pensamentos e lançá-los sobre o papel, coisas que, aliás, todos pouco mais ou menos trazem no cérebro.

E também de preferência sobre estes que dirigem todo o fogo de suas baterias.

O combate é dos mais desiguais, porque por demais escasos são os recursos de que dispomos, e se ainda consegu-

mos sustentar as nossas posições, é à força de abnegação e esforços quasi sobre-humanos.

Entretanto, é necessário, é imprescindível no actual momento redobrar de esforços, agora que a luta se vai tornando mais renhida, em que toda a reacção dos elementos retrógrados nos ameaça esmagar, elementos estes que já se apossam da democracia a ponto de reduzir, colocarem esta caricatura de república em nível muito inferior ao regime passado.

Manter um órgão diário como a *Lanterna*, embora, no caso, a minha opinião seja suspensa, julgo ser o dever de todos aqueles que sabem medir a situação em que nos vamos encontrar, se cruzarmos os bra-

ços, em criminoso indiferença, diante do perigo que a todos ameaça.

Lembrei-me das palavras de Lamennais: «Queixas-te de que não podes cultivar o teu espírito, desenvolver a tua inteligência; e os teus dominadores dizem: Está bem! é preciso que o povo esteja embrutecido para ser governável».

Multiplicamos os nossos centros de fructuosos, os nossos jornais libertemos-nos da ignorância que nos escraviza e deprimem.

Na noite escura que nos envolve, é preciso manter sempre acesas as nossas lanternas.

Quem nos quer ajudar?

S. S. G.

O TERROR NO CAMPO CLERICAL

O diário das sacristias lança o brado de alarme contra a sociedade secreta anticlerical — As armas, sacristias!...

Para os nossos leitores a S. S. G. já não é uma instituição desconhecida. A *Lanterna* tem publicado diversos artigos de aliados seus subscritores com o numero ganancioso dos seus autores e também varias comunicações do seu Conselho Central.

Onde está estabelecida a sua sede? Quais são os seus iniciadores? Ninguém o sabe.

Entretanto, o que nós sabemos é que a S. S. G. (Sociedade Secreta Gananciosa) já tem grupos espalhados por todos os Estados e a agremiação com grande proveito para a propaganda.

Holletins e folhetins têm aparecido a combater o clericalismo nefasto, sem que se consiga saber de onde eles vieram e quem os editou.

De vários pontos do Brasil temos recebido cartas de gananciosos e o seu Conselho escreve-nos sempre de pontos diversos.

É a obra secreta de elementos anticlericais em guerra com as conjuras das sacristias e dos conventos. A padralhada é que já não está sozinha a combater a S. S. G. já lhe vai tirando o sono.

E é o que nos demonstra a *Gazeta do Povo*, isto é, a *Gazeta do Povo*, o diário da fradralhada, que lançou o seu brado de alarme com a seguinte nota:

«Graças à facilidade precavida com que acoutamos entre nós todos os agitadores e perturbadores, que se lambiam de vir procurar no Brasil um refugio que a Europa civilizada lhes nega, temos em S. Paulo, segundo revelações dum illustre deputado, nada menos de vinte e sete núcleos anarquistas».

Não somos o unico Estado a sofrer deste cancro. O Rio Grande do Sul, se ainda não tem adeptos organizados dos princípios de Bakunine, já possui o luxu dum venda carbonária, importada manifestamente de Portugal, — tão semelhante é a sua organização e os seus fins. É legítimo supor que ela seja obra dos carbonários com que a república lusitana mezes assolou o Brasil, na illusão de estender aqui uma influencia identica á que já está exercendo em Espanha, onde as vendas de Lisboa estão prodigiosamente ramificadas.

Dos fins da carbonária riograndense da ideia a seguinte circular secreta, para a qual chegam a attenção dos católicos, — sobretudo dos que imaginam credulamente que não tem inimigos e que tudo navega... em mar de rosas:

S. S. G.

«Estas três iniciaes representam o titulo de uma associação secreta anticlerical, que desde algum tempo vem preparando o campo para a luta contra o PERIGO NEGRO».

Souo fins são nobilissimos e sua organização poderosa, visto a impossibilidade em que se acham os associados de, num momento de perigo, estarem na fraqueza de ac-

sar seus consocios, pois não se conhecem uns aos outros.

É uma especie de carbonária, constituida por grupos de dez, obedecendo a um chefe que lhes dá ordens por escritos e elle por-nas vez as recebe da mesma forma, do comité central, que é o chefe supremo.

Essas ordens não exorbitam jamais da dignidade de um homem a outro e apertam a harmonia da propaganda e a coerencia dos principiaes.

Combater por todos os meios e modos o clero, sem escandalos e violencias, fazendo publico todos os seus erros, vícios e crimes; estorvar as relações das familias, principalmente das mulheres e crianças com os paes; não contribuir de modo algum para a subsistencia da igreja, recusando-se a ajudar as festas, a fazer batizados ou casamentos, etc., etc.

«Eis os belos e uteis fins da S. S. G., associação a que devem proteger e aderir todos os amigos da liberdade e da razão».

GANANCIAL 31.

Talvez haja quem se ria disso... Talvez.

Em Portugal, os catholicos, quando estas coisas apparecem, também sorriam com desdém. E hoje, os que não morreram envenenados nas prisões, ou apunhalados pelos carbonários, contemplam, através das grades do carcere, as ruínas da religião, os resultados da sua indiferença no passado, da sua deploravel incuria, do seu desleixo».

Pobres razeiras das sacristias, como já estão cheias de pavor...

Oxalá a S. S. G. corresponda realmente ás necessidades da propaganda, agindo sem mais medidas, rompendo com as conveniências embarracadoras para que a canalha de bestina seja enfrontada com vantagem e esmagada o mais depressa possível.

É preciso combater esses bandidos, encerrados não em 27 núcleos, como eles affirmam, para impressionar os basbaquês estarem reunidos os anarquistas, mas em centenas de innumas associações, collegios e orfanatos espalhados por todo o Brasil, com os quais exploram e estapam e assassinam as crianças do povo.

Urge dar batalha sem treguas contra o elemento que constitue uma barreira ao progresso das ideias de emancipação, e nessa luta muito poderá fazer a S. S. G.

Uma certa classe de ambiciosos de fortuna, de renome ou de consideração vive a inventar religioes, e outra classe de imbecis, de cobardes ou de ignorantes vive a acceitas-las — imbecis porque não animam com a charlatanice daquelles, cobardes porque tem medo do aniquilamento e querem a immortalidade, ignorantes porque são cheios de superstições e não sabem analisar os factos de animo proprio. — G. R.

Ex ore parvolorum veritas



— Certamente, meu menino, Deus fez o homem á sua imagem e semelhança.

— Mas nesse caso os padres não são homens, porque então como elle deve ser horroroso!...

Hostias amargas

London, 11. — A Aliança Protestante dirigiu uma supplica ao rei Alfonso XIII no sentido de ser perdoado um marinheiro protestante espanhol, condemnado a seis meses de prisão, por se ter recusado, ha tempos, a ajoelhar perante o Santissimo Sacramento.

Quem ainda tiver duvidas sobre as excellencias dos governos fanatizados, sobre as vantagens, que para a sociedade resultam do poderio da casta sacerdotal, lance o olhar para o que vai-se passando actualmente na Espanha.

Um pobre soldado, pela simples razão de haver recusado dobrar os joelhos perante uma rodela de pio azimo, é condemnado a seis mezes de prisão. Não ha estranhar. Afinal de contas, trata-se do mesmo governo que fez com que fosse fuzilado o fundador da Escola Moderna, acreditando que conseguiria asfixiar no sangue do mártir as ideias reivindicadoras de que elle se fizera apóstolo.

Continúa a seguir a trilha escabrosa da intolerancia e mais fereinha, do jesuitismo o mais leroz o Habsburgo degenerado que ora occupa o trono espanhol.

Os processos infames de que elle lança mão para suprimir na desditosa terra do Cid a liberdade de pensar hão-de, no futuro, quicá não muito distante, produzir effeito contrario ao que elle espera.

E então tarde, porém já muito tarde, elle reconhecerá que é mais facil opor-se um dique de areia ás aguas do Mississippi, a montante do Niagara, do que sustar-se a evolução da liberdade, quando uma vez foi a sua sentença lançada no seio de um povo.

Gimnásio Diocesano de Uberaba — Reabrir-se-ão as aulas deste estabelecimento no dia 4 de fevereiro e as matriculas se fazem por todo o mez de janeiro até o dia de entrada.

Considera-se falta contra o regulamento apresentar-se depois desta data, sem motivo justificado.

NOTAS IMPORTANTES: — 1.º Não são pobres aqueles cujos pais frequentam os cinemas, os circos de cavalinhos, as casas de diversões, os teatros e as casas de jogos, etc. 2.º Não são pobres os que possuem fazendas, fazendinhas, os operarios que ganham dez, oito ou seis mil réis por dia, os donos de negocios, de casas alugadas, etc., etc.

Eis como comprehendem a caridade os celeberrimos irmãos maristas que dirigem o Gimnásio Diocesano de Uberaba.

Para que um operario, que mal ganha para viver, obtenha para um filho seu um lugar gratuito na tal Escola de N. S. de Lourdes, é condição indispensavel que não entre em um cinema, que não vá a um circo de cavalinhos, que não penetre em uma casa de diversões, enfim que não proporcione o menor regalo ao espirito...

Os bilhetes dos tais maristas esses safardanas, que com os aplausos do beaterio de Uberaba trancaram outrora as portas do seu estabelecimento ao excedre Francisco Var, que do mesmo era o fiscal, pelo simples facto de ter tido a nobre coragem de haver contraido casamento com distinctissima senhora; esses maristas cujos collegios em mais de uma cidade europeia hão sido encerrados por se constituirem focos de perverso moral para a sociedade, querem, exigem que o homem destituído de fortuna perca a vida a molejar no trabalho, concedendo-lhe apenas o direito de, nas horas de descanso, engolar ladainhas e mastigar rosarios...

Isso, porém, de penetrar em um cinema para olvidar, por um momento, as durezas da vida, constimem para os bandidos dos maristas um crime punivel com a expulsão dos filhos da Escola.

Só os ricos, pensam os santissimos maristas, têm o direito de se divertir. Para eles todos os prazeres, todos os gosos. Si ao pobre sobraem das suas despesas forçadas diarias cinco tostões, elle que vá lhos levar e que não lhe passe pela mente a ideia de adquirir uma entrada de cinema ou de circo de cavalinhos, para se proporcionar uma hora de distracção.

Pobre não tem luxo — bradam os excellentissimos e reverendissimos senhores maristas do Gimnásio Diocesano de Uberaba.

E entretanto os que assim pensam são exactamente os parasitas sociais, que vivem a explorar o suor dos pobres, constituem a classe dos consumidores improdutivos, cuja desaparecimento importaria vantagem immensa para a sociedade.

Mas essa opinião que acabam de expender em relação aos direitos dos pobres os irmãos Maristas de Uberaba, não pôde passar assim sem energico reparo da nossa parte, pelo que no proximo numero volveremos mais longamente ao assunto.

Ignoto.

FERRER E CANALEJAS

A proposito da morte de Canalejas, o jornal londrino *Star* publicou um artigo do seu correspondente Donohoe, recordando a conversação que este teve com Canalejas em outubro de 1910:

Ferrer teria sido condemnado se estivesse no poder o vosso governo?

— Com toda a certeza! Os cléricos odeiam as «escolas modernas» e seus professores, mas dizem que influíram sobre a condemnado e morte de Ferrer é insultar o exercito e os officiaes que o julgaram.

Nestas palavras, Canalejas exprimiu bem o valor do seu falso anticlericalismo de fachada, a mentira do anticlericalismo de governo. Demais, não permitindo a reabertura da Escola Moderna, mostrou claramente a hipocrisia das suas promessas de opposição — iguaes ás promessas de todos os «liberais» que aspiram ao poder.

Sobre Canalejas e o seu anticlericalismo enganador exprimiui a *Lanterna* por vezes a sua opinião, muito antes do atentado de Párdinas.

Ferrer e Canalejas simbolizam dois ideais bem diversos. Nós somos anticlericais como Ferrer — que Canalejas mandaria fuzilar...

Luís Tullio Bonaloux

Malatesta

Vislumbrei-o em «White» e «Black», o técnico da «desobediência» que me dá uma impressão de não ser de mais a desobediência: máe que chora, uma imensidão da noite.

Malatesta está trabalhando. Malatesta trabalha, de ferramenta em punho, desde o raiar da aurora até muito depois do acender das lampadas. De regresso ao quarto, pobremente mobilado, e sob o tremular da luz molha a pena em fol: «Avanti!»

Mostraram-me, pela primeira vez, faz dez anos, o lenho esquecido o contorno de muitas carnes; não esquecer porém a sua «cara». Quando penso em Malatesta, vêm-me á ideia os baixos labregos da cidade: brutal trabalho, dor brutal. A sua figura, agitada em meio de recordações já pulverulentas, permanece incrustada na minha retina com a aspera rigidez dumam imagem de pedra, rodeada de fumo gris.

Uma sala em «Whitechapel»: Varios oradores falam denunciando atropellos. Atmosfera pardacenta. Entre as caras lividas de judas, praticadas pela luz do gaz, sobressa a cara de Malatesta. Uma cara leonina; uma fronte anfractuosa; dois olhos negros, afundados em cavidades que são como sepulchros escavados pelas garras da injustiça, denotam um temperamento arisco e luminoso, a espasmo, a sua tez bronzeada. Nariz aquilino; cabelo hirsuto; pele aspergiminhada, sulcada de rugas profundas. É a cara dum «micho», que não aceita mandado algum. Meditativa ou iracunda, essa cara fala, sempre.

Estava de pé, curto de estatura, seco, sombrio. A cabeça, enorme, descansava sobre os dois ombros largos, como a dum aguilão sobre robustas asas. Fala pouco, e raras vezes de si mesmo, embora a sua vida, a sua existência, de miséria e de aventuras extraordinarias lhe dê direito para fazer-lo. A sua dantesca personalidade impõe-se, irresistivelmente. Entre os operarios é um operario, embora nem sempre tenha sido operario... Ante a humanidade que passo a passo, de miséria, é um «micho». Erige-se, impassível, em meio de gente vaidosa, como o rochedo em meio dos vagalhões.

— Malatesta!

Mirou-me um instante, a testa frías, enquanto recorria às recordações anônimas de um passado, te no labirinto do seu cérebro. Logo as rugas inumeráveis se desfizeram até formarem um sorriso estranho, que também se retraiu em seus olhos. Pondo o cachimbo na boca, estendeu-me a mão rugosa com um gesto seco:

— Continua em Londres... Gosta desta cidade? —
Porque é uma cidade de trabalho.

ENRICO MALATESTA
ELECTRICISTA E ENGENHEIRO

— Mudei-me para outra casa, na mesma rua.

E desapareceu na meia escuridão, só, sempre só, andando com um estranho movimento, que lembrava o deslizar duma bola. Usava gorro, fazia frio e não levava um paletó, mas a sua cabeça desaparecia ao longe, ladeada pelo peso dos seus transeiros na poltrona, e a sua expressão silenciosa, uma expressão silenciosa de todos e por todos respeitada, e que, decedente de antiga família italiana, sacrificava os prazeres levianos da vida no altar do ideal, ele vive numa casa obscura, abrigado pelo orgulho oculto nos atos da sua árdua existência. E, embora não seja velho, poucas vezes o importuno, porque a voz por trás da porta conta sempre;

— Malatesta está trabalhando.

— «Ilustre» era o seu último título. Desde muito não vivia ali, trabalhando de dia, compartilhando de noite a humilde tarefa dum compatriota italiano: Defendi. Não prejudicava ninguém; homens e mulheres veneravam-lhe o corpo como se fossem os de Tolstoi. Não sei dizer se os operários de «Ilustre» tinham ou não a mesma admiração pelas revoluções; consta-me, porém, que todos o recordam carinhosamente, porque era um homem bom, porque impediu que muitos rapazes se tornassem vagabundos, ensinando-lhes ofícios; porque, não obstante o seu escasso salário, gostosamente desafiava de dia a última moda, com o constante afã de mitigar a miséria daqueles que trabalhavam, que tivessem mais coisas do que ele e sentissem mais frio nos ossos ou no espírito.

E seus amigos pensavam que o governo inglês continuaria respeitando-o; que, apesar das intrigas de seus caluniosos inimigos, a velha tradição britânica, que ordena o gozo de todos os pensamentos de igual liberdade, seguiria amparado. Mas um espio italiano, que o conhecia, mandaram ao diabo a liberdade anglo-saxônica.

Malatesta conhecia um camaleão italiano chamado Ennio Belli, que se dizia anarquista e caucionista, logo que circular entre os revolucionários isolados em Londres; tal era a sua hipocrisia, que estes, ao princípio, acreditavam sinceros. Quando a Itália, monstruosamente, atacou os mouros de Trípoli, Belli declarou-se partidário da guerra, e angustiado-se com a sua atitude, os revolucionários era virtualmente prós, sendo a Turquia a nação inimiga. Malatesta teve uma discussão com Belli: duvidava da sua integridade; aproveitou a ocasião para romper com ele; e com o silêncio da esfinge, que acusa, deixou transparecer:

— Eu um espio.

Um dia vieram duas pessoas contar a Malatesta que Belli, convertido de habil política, que era antes, em traidor coletivo, havia sido dito «confidencialmente» que Malatesta era um agente do governo turco. Malatesta, que não havia antes acusado Belli com temor de incorrer numa injustiça, publicou a 22 de Abril um notável manifesto.

Belli emudeceu. E depois de quinze dias, com a promessa talvez de que o seu ato infame seria apoiado pela polícia, citou Malatesta ante o tribunal. Este foi processado por difamação; permitiu-se que um «defectivo» o caluniasse iniquamente, procurando implicá-lo nos crimes de «kouditch», e um juiz inglês, exultando-se, o condenou a três meses de prisão, recomendando ao ministro da Fazenda que o deportasse, ao sair do cárcere, por ser um anarquista perigoso. Cobarde ameaça contra um homem honrado e inocente por parte da justiça duma terra que goza a fama de ser a mais livre do orbe!

A decisão do juiz equivalia a reforçar Malatesta...

Afortunadamente, ha no carácter inglês um anelo de liberdade que o obriga a levantar a voz contra os seus quantos atropelos comete a justiça, não só do Inglaterra, mas do mundo inteiro. Protestou contra a sentença como protesta antes contra o fuzilamento de Ferrer, em Montjuich, e contra o encarceramento, em Russia, de Malatesta. Protestaram jornais como o *Daily News*, *Leader*, *Reynold's Newspaper*, e o *Daily Herald*; escritores e oradores como Compton Graham; organizaram-se comícios imponentes, os quais acudiram milhares de homens, mulheres e crianças, que pela variedade de opiniões representavam o público inglês. E o governo teve que escutar este protesto. Que desejava, porém, Eridar para derrogar a pena infligida a esse estrangeiro?

Mas não era esta a parte que o governo relaxasse a recomendação do

juiz para que se entregasse o corpo de Malatesta aos veredictos italianos. E os cidadãos daquele velho tradiçã, o amor próprio britânico conseguiu, do mesmo modo porque conseguiu arrancar a misa Malatesta de um calabouço russo...

Quando Malatesta saiu do cárcere foi a «Ilustre», com afeição de velho, temendo encontrá-lo enfermo. A tendência em que vivia estava curada; a porta, entretanto, as vidraças quebradas.

Malatesta?

Fôra, embora. Ninguém sabia para onde. Procurou em todas as vias escusas de «Ilustre»; em toda a parte se diziam o mesmo: Malatesta ha com a sua...

Uma noite, depois de muitas e infructíferas investigações, tive a alegria de o encontrar na tenda de Delfino, trasladada para o heteroclitico bairro de «Soho», o mesmo a que vieram parar, anos ha, e meio mortos, alguns torturados espanhóis.

«A sua cara era a mesma»; a sua energia de ferro não havia decido; os seus olhos não eram mais dantes; na idade que os outros homens, sem terem sofrido ainda, dizem «sou velho anão»... ele, apesar libertado do cárcere, parecia poder ser a sua tumba, continuava a luta, o espírito semelhante a essas flores solitárias que se conservam frescas na areia do deserto: só a cabeça estava um pouco mais enterrada.

O autor de *Le Penseur* poderia escolher a figura de um filósofo, talvez num bloco de granito e chamar a essa estatua «O mutismo da dor». Não se queixava; não dizia «dor», mas «souros tofeiros». Como notasse surpresa em meu olhar (tinha-me dito que estava tísico), exclamou, com um sorriso profundamente amargo:

— A saúde vai bem. Os amigos disseram que eu estava enfermo...

— Como foi tratado no cárcere inglês?

Malatesta ergueu os ombros, como que perplexo.

— Oh!... Nem bem, nem mal... Sabe, todas as prisões são iguais...

«Acrecentando» numa entonação genuinamente filosófica.

— No fim de contas, foi para mim uma ocasião de conhecer uma prisão inglesa. Como sou próspero e não tenho conhecido. Existem coisas de um pouco raras, aqui. Na vespa da dia em que devia ter saído, vesti a mim o capelo que disse uniuosamente.

«Sr. Malatesta, virio os seus amigos esperam amanhã a porta do cárcere...» «Talvez», disse, «Sr. Malatesta, agradeço, tornou o capelo, sair hoje mesmo?» Sai um dia antes, embora já tivesse comutado a pena por milha boa como a de prisão.

Temiam uma manifestação em frente às grades negras. E sem que o soubesse ninguém, sem que um amigo de Malatesta, para a solenizar o advento do ano novo, propôs por carta ao ministério o indulto dos bispos e padres castigados e o dos prisioneiros políticos, arrancando-se a estes últimos «o capuz ignominioso de penitenciários» para os sujeitar ao regimen comum das cadeias.

O governo respondeu unanimemente que o perdão dos bispos e padres, que não o solicitaram, nem modificaram a sua atitude hostil, seria prematuro, tomando-o a opinião republicana como uma transigência irritante e os perdoados como um sintoma de fraqueza; e que a abolição do regimen penitenciário para os presos políticos merecia ser posta em prática, mas só uma mal, e em breve apresentada ao parlamento, poderá derrogar um regime que, por lei, foi instituído.

As duas cartas — a do presidente da República e a do presidente do ministério — foram publicadas em todos os jornais, afirma-se que por iniciativa do chefe do Estado com o texto da parte substancial da epistola do presidente Arriaga:

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

Por este meio arrancaremos do organismo da nossa vida colectiva, a alma ingênua e simples, alguns espíritos que se moleiam e que perturbam o bem-estar social e a paz das consciências.

Aos que rocam que o perdão aos bispos seja um erro grave e até um perigo para as instituições vigentes, lembrarei que, emquanto a presidência da República, quem quer que seja, que, como eu, perditu o poder espiritual dos nossos tempos emanado da Igreja, do Divino e da Justiça, e que tem a seu favor uma moral toda humana, jamais a Igreja terá reconhecido, no nosso País, a sua supremacia sobre o poder civil.

Faltar-lhe-á o apoio, sua base fundamental, da realidade e das classes privilegiadas, que nuncs contrari-

Londres, 1912.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....



Incidente de fim de ano ou de ano novo — Uma proposta do presidente da República para a solenizar o advento do ano novo, propôs por carta ao ministério o indulto dos bispos e padres castigados e o dos prisioneiros políticos, arrancando-se a estes últimos «o capuz ignominioso de penitenciários» para os sujeitar ao regimen comum das cadeias.

LISBOA, 29 DE DEZEMBRO

Tenho decorado as manifestações da vida social portuguesa, aliás tão pobre e tão pádua. Não acho que sejam coisas demasiadamente interessantes as brigas e manobras dos partidos e facções, agitando a vida pública, disputando a honra de serem os primeiros a fazerem de pequenos incidentes grandiosas tragédias, apregoando os seus messias e elixires, falando cada um em nome do «verdadeiro povo», apresentando os seus interesses sectários como sendo da nação inteira, do povo todo, salvando a pátria todos os dias, acusando-se reciprocamente dos males e descalabros. Tudo isso, na verdade, atrai bem pouco as atenções das pessoas estranhas, aos partidos de governo, e eu tenho preferido as questões de verdadeiro interesse social, sobretudo as que directamente se prendem a grandiosa e absorvente luta entre as classes que compõem — que desagregam, melhor seria — as sociedades modernas.

Mas, enfim, estamos no fim do ano... e por desfastio, para variar, para concluir com um *mot de fin*, tomemos um facto da politica portuguesa, tanto mais que esse facto, quando se murmura, pode vir a ter graves e sensacionais consequências...

Foi o caso que o presidente da República, para a solenizar o advento do ano novo, propôs por carta ao ministério o indulto dos bispos e padres castigados e o dos prisioneiros políticos, arrancando-se a estes últimos «o capuz ignominioso de penitenciários» para os sujeitar ao regimen comum das cadeias.

O governo respondeu unanimemente que o perdão dos bispos e padres, que não o solicitaram, nem modificaram a sua atitude hostil, seria prematuro, tomando-o a opinião republicana como uma transigência irritante e os perdoados como um sintoma de fraqueza; e que a abolição do regimen penitenciário para os presos políticos merecia ser posta em prática, mas só uma mal, e em breve apresentada ao parlamento, poderá derrogar um regime que, por lei, foi instituído.

As duas cartas — a do presidente da República e a do presidente do ministério — foram publicadas em todos os jornais, afirma-se que por iniciativa do chefe do Estado com o texto da parte substancial da epistola do presidente Arriaga:

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

Por este meio arrancaremos do organismo da nossa vida colectiva, a alma ingênua e simples, alguns espíritos que se moleiam e que perturbam o bem-estar social e a paz das consciências.

Aos que rocam que o perdão aos bispos seja um erro grave e até um perigo para as instituições vigentes, lembrarei que, emquanto a presidência da República, quem quer que seja, que, como eu, perditu o poder espiritual dos nossos tempos emanado da Igreja, do Divino e da Justiça, e que tem a seu favor uma moral toda humana, jamais a Igreja terá reconhecido, no nosso País, a sua supremacia sobre o poder civil.

Faltar-lhe-á o apoio, sua base fundamental, da realidade e das classes privilegiadas, que nuncs contrari-

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

Por este meio arrancaremos do organismo da nossa vida colectiva, a alma ingênua e simples, alguns espíritos que se moleiam e que perturbam o bem-estar social e a paz das consciências.

Aos que rocam que o perdão aos bispos seja um erro grave e até um perigo para as instituições vigentes, lembrarei que, emquanto a presidência da República, quem quer que seja, que, como eu, perditu o poder espiritual dos nossos tempos emanado da Igreja, do Divino e da Justiça, e que tem a seu favor uma moral toda humana, jamais a Igreja terá reconhecido, no nosso País, a sua supremacia sobre o poder civil.

Faltar-lhe-á o apoio, sua base fundamental, da realidade e das classes privilegiadas, que nuncs contrari-

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

«Provejo que o regresso dos presos das suas cadeias levam consigo a sua condicção com seus simpatizantes e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbiteros, que, ao serem proclamados a República, com anseio de todo o País, quiseram vir a colidir entre a sua obediência a Igreja e o seu respeito a Lei, e a sua fé em Deus e o seu amor à Pátria.

A "Lanterna" diaria

Continuamos a receber novas adesões

Como têm visto os nossos leitores, são alentadoras as provas de apoio à iniciativa da publicação diaria da *Lanterna*. Publicamos hoje ainda algumas cartas de adesão, deixando diversas para a proxima semana, assim como alguns reparos a certas considerações feitas a proposito.

Dr. Edgard Lenenroth:

Convicto de longos anos de audácia das religiões, as aproveitadas aos espíritos que se erem em benefício proprio ou da seita, portanto antiericidal decido: avesso a toda a prepotência da casta que se arroga o direito de dirigir e dominar, por suas violências e desprecos às necessidades intelectuais e vitais do povo, desavido pela politica interna que se desenvolve no país de anos para cá, do lamentado a falta de noções esclarecedoras que transforassem em energias esse calculado embrutecimento que envolve a massa.

Mais lamentavel, porém, é essa imprensa, em geral, — cuidadora da politica da custa direita, — não doutrinar, não iluminar, não esclarecer, mas apenas matar a curiosidade com a persistência da dontrania.

Quasi descrente de ver entre essa imprensa, uma voz que se destacasse dessas sordidas conveniências, eis que surge aqui a propaganda da *Lanterna*. Não reusou o numero que serviu de início a minha assinatura aqui, por verificar a expansão de ideias tendentes à dissipação das actualidades sociais.

Assim combinado o que penso com o que propaga e defende, lendo em vossos dois ultimos numeros o que projectais — tornando em diaria a vossa publicação semanal, só distingo vantagem para a propaganda; pensarei, com a necessária elevação da assinatura, ficar fora do alcance da bolsa de contentares de operários, atidos por responsabilidades economicas de familia ou falhos pela mediocridade de ganhos.

Do nosso companheiro E. Santos, residente em Campinas, recebemos a seguinte carta, acompanhando o artigo que abito publicamos:

«Amigos da *Lanterna* — Satisfeito com o artigo de vossa apreciação, colaborador Z. Z., que, em essência, veio pelas colunas desse popular semanário ventilar o monoteísmo do espiritismo, julgo de toda oportunidade a reprodução do magnifico artigo do illustre escritor francês G. Mones, que sobre a pouco realizou uma série de preleções na Escola Normal da...

Esses estudos foi publicado no *Correio Paulistano*, cujos leitores não são os mesmos da *Lanterna*. Julgo, pois, proveitosa a sua publicação.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

que, expulsos da minhas patria, vem fazer do territorio brasileiro o seu quartel general, onde, devido a liberdade de que aqui gozam, podem mais a vontade cavar os seus bestiais e ferozes instintos.

A *Lanterna* tornando-se diaria será a nossa sentinela avançada, a descobrir desse exercito corrupto todas as miasmas, todas as misérias por praticadas.

Dr. Edgard Lenenroth:

voltam, a este mundo para aconselhar, dirigir e instruir os homens. A psicologia acreditou, durante algum tempo, poder responder-lhes com as célebres explicações e experiências de Chevreuil, que datam de 1857. Chevreuil não conhecia ainda, como nós hoje conhecemos, os diferentes efeitos das magnéticas sobre os movimentos; possuía, porém, bastante experiência das coisas do espírito para saber que "pensando-se em realizar um movimento, se começa sempre mais ou menos a realizá-lo, e que entre certos indivíduos, especialmente impressionáveis, a ideia dum movimento, a representação dum movimento basta para o realizar por completo.

De posse desta constatação, julgou poder explicar o fenómeno das mesas girantes com o fenómeno, muito ausioso, do pendulo explorador. Quando suspendemos dentro dum vaso de cristal um pendulo, basta, nota Chevreuil, pegar que o pendulo vai começar a oscilar, batendo nas paredes do vaso, para que o pendulo execute esse movimento. E se lhe perguntarmos, a ideia dum movimento, tomada no momento da execução, como nos responde, sem dar por isso, com as pancadas do pendulo. Do mesmo modo, quando a mesa responde ás perguntas que se lhe fazem, e se a mesa gira ou faz sinais, é por que, a mesa, que aponta as mãos á mesa, lhe imprime os movimentos, que tem a representação viva e activa.

Os espiritas, que tiveram grande dificuldade em mostrar nas suas obras quanto superficial era esta explicação do grande taboio, e, portanto, insustentável, ficaram, no entanto, muitas vezes, as mesas respondendo, que o medium sabia o que elas respondiam, quando o medium tem o espirito obtuso, que a mesa pode ser instruída e o medium ignorante, que pode responder, quando o medium tem ideias algumas, que muitas vezes se revolta contra ele, injuriando-o, investindo-o. Nesta condição, é inteiramente impossível explicar o fenómeno das mesas girantes pelo mecanismo simplista de Chevreuil, pois, pelo contrario, todas as particularidades, que acabo de citar, lhe parecem demonstrativas da presença e da manifestação dum espirito.

Convenha reconhecer que a attitude dos espiritas não deixava de ter uma certa logica, e os protestos de Marquez de Mirville contra as explicações de Chevreuil eram plenamente justificadas. E' bem verdade, no entanto, que não exista entre o pensamento do medium e o das mesas a harmonia, a identidade que o celebre físico supponha, assim como também é certo que, se a sciencia quisesse dar uma explicação á dos espiritas, devia achar outra coisa.

O que Chevreuil ignorava e hoje conhecemos, graças aos trabalhos de Charcot e de Janet, são os fenómenos de desagregação mental. O carácter essencial desta desagregação, diz Janet, é a formação no espirito de dois grupos de fenómenos. Um constitua a personalidade ordinária; o outro, susceptível, aliás, de se subdividir, forma uma personalidade anormal, diferente da primeira, e que esta tem, apenas um conhecimento muito incompleto, quando até não a ignora de todos. Nos casos do pendulo explorador e das mesas girantes, é esta segunda personalidade que se desenvolve; e, quando a primeira ignora completamente, o que em regra não acontece, não bem ficar sinceramente estupefacto ao receber por intermedio do pendulo ou das mesas informações, que julgava ignorar. E' da sua memoria subconsciente, da sua experiencia passada e esquecida, que lhe provém pelo pendulo e pela mesa as revelações que lhe causam admiração.

Semelhante explicação supõe que todos os mediums apresentam fenómenos de desagregação mental e de dupla personalidade. Foi em fazer esta prova que os medicos partidários da teoria de Janet se ocuparam e parece que sobre este ponto, os investigadores possuem o maximo de verosimilhança, sem que a boa fé ou a honrabilidade dos mediums tenha de sofrer — antes pelo contrario, com esta demonstração.

Supõe, ainda, a explicação psicologica que a materia subconsciente do medium basta para dar conta das revelações mediumnicas mais surpreendentes e inesperadas; por exemplo, se as mesas falam uma lingua desconhecida do individuo, é que esta o conheceu e se esqueceu dela; ou ainda, se as mesas dão uma data exacta e ignorada pelo medium, é porque este teve já occasião de a conhecer.

Sobre este ponto, qualquer demonstração perfeita é difficil: a experiencia crucial, que já foi tentada sem sucesso, consistia em algum encerrar num envelope lacrado e selado o texto dum communicação, só depois da sua morte, o conteúdo do envelope a experimentadores que poderiam, abrindo o envelope, certificar-se da objectividade e da veracidade da communicação. A falta desta experiencia crucial, os espiritas trazem-nos observações e multiplicas experiencias, de que nenhuma delas, a meu ver, pode ser considerada convincente; muitas vezes vi a psicologica, a análise de memoria subconsciente e da experiencia passada desempenhando com os factos, como na bella observação de Flournoy, a que já me referi.

Facino-me, pois, pelas razões de critica e de experiencia, e pelas razões teoricas mais gerais, para as explicações psicologicas; não acredito na tese espirita. Ha muito tempo, porém, que me guio por dois principios, sobre os quais Flournoy fundou, mais justamente, a sua filosofia do supernatural. O primeiro, formulado por Shakespeare e que o poeta põe na boca de Hamlet: «O mundo é maior do que a minha philosophia».

Desprezando-o, arriscamo-nos a termos um pontilhe ou um sectario e negarmos em nome da Sciencia, com o mauculso, o que amanhã a experiencia descobrir. O segundo principio, que se pode chamar de Laplace, é o seguinte: «O peso das provas deve ser proporcional á estranheza dos factos». A ignorancia ou o desprezo deste principio faz confundir o possível, o impossível até, com o certo; e, nesse caso, a direcção da nossa logica passa da razão ao sentimento, ao desejo, á esperança.

O mais natural, parece-me, é seguir aqui o conselho de Hamlet e o conselho de Laplace.

GADO PARA A MATANÇA

Comboio negroiro — Teme, sede e sujeira — Cinco mortos — E viva a lei do expulso...

Dispensam comentários os factos desta natureza: bastam por si mesmos.

Que dizer de uma tal infamia? Não, basta o facto com toda a sua brutal realidade.

Leit-se esta carta do sr. Antonio De Cicco, escrita de Pedregulho a jornais desta capital:

«A's tres horas da madrugada de ontem (18) chegou a Conquista (E de Minas) um trem especial carregado de imigrantes espanhóis, dirigidos á fazenda do dr. Gabriel Junqueira, que se achava a poucos quilómetros daquela estação.

O estado daqueles pobres infelizes era tão horrível que causava dó olha-los; a fome os reduzia a condições espantosas.

Disse a mim, porque aqueles pobres infelizes, partindo de S. Paulo desde as primeiras horas da tarde, de 16 do corrente, faltas das coisas mais comestiveis, era natural que a fome e a sede os deixassem extenuados.

Devemos acrescentar que os dois vagões que serviam para o transporte das 33 famílias achavam-se em tão condições que não era possível chegar ao porto de destino, sem insumpular mais cheiro que deles se desprendia.

Durante a viagem houve cinco mortes, tendo sido entregues tres das autoridades (conforme me informaram) de Casa Branca, para o seu sepultamento, e dos foram encontrados mortos no vagão na estação de Conquista.

E' o caso de chamar-se a atenção do conselheiro a quem cabe o dever de defender a causa dos subditos do país que representa a fazer compreender aos sr. s. senhores que, quando se emboras uma porcada ou uma boiada, a primeira lembrança é a provisão de agua e a nutrição, e disto momentaneamente se tem pensado ao embarque dos 120 desgraçados imigrantes chegados da Espanha para se verem explorados no seu trabalho por gente inhumana e sem criterio.

Os jornalistas que quiseram tomar tanto a peito o «Decreto Príncipe» e o de 31 de dezembro de 1912, emitido pelo «Comissariado de Emigração», em lugar de berrar contra o governo italiano, se ria o caso de voltarem um pouco a sua atenção também para estes factos deplorabilissimos e aconselharem os importadores de imigrantes a serem menos inhumanos e sem coração.

Protestar contra isso? Loucura! A lei de expulso foi feita para castigar os perturbadores da ordem.

E na Europa a «Embaixada do Ouro» continua a gastar rios de dinheiro na propaganda do Brasil.

No proximo numero: Kropotkine POR MAYER GARCIA

«Lanterna» no R. G. do Sul

São representantes da Lanterna no adiantado Estado gaúcho, onde a nossa propaganda estende-se admiravelmente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldemar Carvalho, Ladeira 36-A;

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Rio Grande — Sr. Germano Coelho Estima, Armazem Nova Aurora;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos.

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

Contra a lei-arrocho

A agitação — O delegado da C. O. B. parte para a Europa — Um comicio

Trazemos tambem o nosso protesto contra esta lei arbitrária e violenta. O intento que tiveram em vista os pseudos representantes do povo, eleitos, salvo raras excepções, pelo bico da pena, incompetentes em sua maioria, foi combater as ideias subversivas da ordem social, como enfaticamente a ha ma a ideias modernas que tem interesse em que perdue a actual organização da sociedade. E, no entanto, essas ideias subversivas são fruto da justiça. Se nela houvesse justiça, se nela predominasse o amor, essas ideias não se espalhariam ao ponto de causar medo aos governos, que apavorados lançam mão de todos os meios para combatê-las. Os governos vêm, assombrados, a inaniidade de tais meios.

A lei votada pelo congresso é odiosa; sua inconstitucionalidade é evidente, palpavel. Basta uma leitura desapassionada de Constituição para nos convencermos disso. Mas de que serve apelar para a Constituição? Os regulos que, para desgraça de nosso país se acham á retado do governo, pouco se importam com ela.

Nos tempos tristes que correm, é irrisorio lembrar que ha ainda uma Constituição.

Que importa, porém? As medidas violentas, arbitrárias são contraproducentes. As ideias não desaparecem quando combatidas desse modo. As ideias são deves, só podem ser combatidas no campo largo da discussão.

E' um facto que o operariado se agita. E' um facto que todas as classes sociais se sentem presa de evidente mal-estar.

E' preciso sair disso. Mas toda esta agitação, todo este mal-estar, têm por causa, grave e evidente Sebastian Faure, a organização social, que engendra o despotismo, a injustiça, a hipocrisia. E é a injustiça, o despotismo, a hipocrisia a causa da agitação proletaria e a do mal-estar que se nota em todas as classes sociais. Se assim é, são inúteis todas as leis que pretendem por medidas odiosas combater a liberdade de pensamento; liber-

dade garantida pela Constituição. Rio, 19 — 1 — 913. Eduardo Vital.

Na colonia espanhola Segundo fomos informados, um grupo popular de espanhóis continua a trabalhar no seio da respectiva colonia para que o seu protesto contra as violencias policiaes e a lei de expulsão tenha a maior importancia possível.

Além dos dois manifestos já publicados, um outro apparecerá por estes dias para preparar o comicio que em seu nome deverá ser convocado.

Importante reunião das associações do Rio Para estabelecer os melhores meios de acção na justissima campanha contra a odiosa lei draconiana votada ás pressas por ordem do dia 19 do corrente, na sede da Sociedade de Resistencia dos Trabalhadores em Trapiches e Café, a Confederação Operaria Brasileira, a Federação Operaria e mais associações do Rio.

Após uma animada troca de ideias, foi determinado fazer seguir imediatamente para a Europa, um delegado das associações com o fim de scientificar os trabalhadores de além-mar sobre as perseguições sistematicas de que aqui é alvo a sua classe, á qual não é permitida associar-se para garantir os seus direitos.

Para a custeio das despesas da viagem do seu delegado, que deverá partir por toda a proxima semana, foi determinada a quota com que cada uma deverá contribuir.

Sr. director da Lanterna: Não deixo de lançar o meu protesto contra a infame lei de expulsão de que patenteia o odio que os tais eleitos do povo votam aos homens que têm a coragem precisa para não pactuarem com as suas grandes mitorias politicas.

Em um país como este, onde o interesse sobre de honreiros e dirigentes preciso é que não deixamos ficar encobertas as vergonhosas bandalheiras nascidas de cerebros desequilibrados.

Uberaba, 1 — 1 — 1913. Calisto Rosa.

EM AMPARO tigne amor á liberdade que se vêem ofendidos com o acto desleal e arbitrário, senão irreflexo e condenável, que acaba de ser por elle praticado, com grave prejuizo da moral administrativa daquela corporação municipal e grande falta de respeito aos principios basicos da constituição republicana.

Fizeram mal, muito mal. Eles não podem dispor, a seu talento, do que é do povo. Deram do que não era seu.

E isso não é toleravel, nem admissivel. E' uma falta que exige reparação, que reclama um protesto.

O povo, traído por seus representantes, tem o direito de pedir-lhes conta.

Tal é o caso de que hoje nos occupamos nestas columnas.

Eisum.

A camara apresentou com um terreno de servidão publico a uma ordem de detestáveis clericalis, enjos frades ali se acham aquartelados na igreja de S. Benedito.

Quis servir o clero, mas sacrificou o povo. E isso é um crime, que se torna tanto mais grave quando se sabe que com a doação do terreno sito ao largo São Benedito o povo de Amparo ficou privado de uma rua transitada, que desappareceu occupada pelas edificações de moradia, collegio, convento e não sei que mais instituições fradescaes.

E sabem com que condição os frades receberam tal presente?

Até parece incrível! Em troca receberam gratuitamente em seu collegio, por indicação da camara, uns 15 meninos pobres, a quem darão o devido preparo.

Mas isto é pretexto, apenas pretexto, porque Amparo está regularmente servido de escolas publicas, que ministram ensino gratuito.

Alí não faltam grupos escolares, ginasio, liceu de artes e officios, e em suas aulas diurnas da escola Gargueta, mantida pela loja masonica «Trabalho», também de ensino gratuito e bastante frequentadas.

Não ha desculpas para se justificar tal indigna norma de conduta. Dai o motivo para merecerem pouca reprobção.

Traíram o seu mandato, faltaram com o respeito aos interesses do povo, mentiram as suas promessas, eis o que fizeram.

E o povo que sobre as consequências, o povo, a eterna vítima dos poderes politicos, que o vêem ludibriando desde seculos inmemoriaes!

Até quando há-de durar essa passividade condempnada, essa inércia, essa falta de acção da parte do povo, que bem poucas vezes se levanta para protestar contra os abusos de seus direitos, contra os que abusam do poder para encarnecerem da sua soberania luctuando-se á custa de seu sacrificio?

Até quando?... E' preciso que protestemos, para que sejamos respeitados, para que os poderes publicos não exorbitem de sua esfera nem falem com o respeito aos interesses do povo.

Luiz da Camara.

SOB O DOMINIO DE SCARPIA Assaltos a domicilios, roubos, furtos e espancamentos — Quem nos guarda as guardas?

Não fosse a Lanterna um semanario dispondo de limitado espaço e leriam os leitores, diariamente, uma amesquorada sequencia, a respeito dos atentaes cometidos contra a liberdade dos cidadãos por esse colégio de delinquentes legais agora dirigido por Sampaio-Scarpia.

O caso Calvo foi bem um pano de amostra do que ia ser a sua obra policial.

As brutalidades cometidas com os operarios sanistas foram tambem uma revolução.

E foi nessa cidade onde se desenvolveram uma das costumes facanhas da quadrilha que lá opera sob a chefia de Bias, o Spoleto.

Como aqui annunciámos, deveria ter lugar naquela cidade, no dia 5 do corrente, um comicio de protesto contra as leis aceleradas da Argentina e do Brasil.

A Federação Operaria, conselho de que exalta um grupo de delinquentes pela lei basica do país, mandou tres dos seus associados levar a communicação exigida por um estúpido regulamento policial.

Santa boa fé!

Bias Bueno, o tal lacaio dos exploradores sanistas, mandou imediatamente recolhe-los ao xadrez.

Eraram esses operarios: Antonio Fornos, Adolfo Anta e José Garcia, que foram encontrados na prisão o seu companheiro José Martins, preso dias antes.

O que passaram esses honestos trabalhadores pelo crime de serem portadores de uma communicação, é simplesmente revoltante.

Presos no dia 4 á noite, foram postos em liberdade: Antonio Fornos, no dia 7 e José Martins no dia 8. José Garcia e Adolfo Anta foram transportados do dia 5 para esta capital, onde, no dia 8, José Garcia foi posto em liberdade.

Adolfo Anta, daqui foi remetido para o Rio, onde ainda se encontra preso á espera da ordem de expulsão.

Durante os dias em que estiveram presos não lhes foi dado alimento algum, sendo obrigados a dormir no chão duro e inundo.

Com Adolfo Anta chegaram a praticar toda a sorte de brutalidades.

Não param aí, porém, as violencias de que foram vítimas os distintos grupos. Spoleto não estava satisfeito e ordenou um assalto á sua residencia.

No domingo dois desses cancores ambulantes que se chamam secretas, um fuão Dantas, de Santos, e um tal Artur, de S. Paulo, invadiram a casa de Antonio Fornos e Adolfo Anta. Como vulgares salteadores e ladroes que agem á margem da lei, os bandidos arrombaram as malas dos dois trabalhadores, levando todos os livros, folhetos, revistas e objectos de estudos com-
prados com as economias feitas á custa de incalculáveis sacrificios!

Foi para cometer todos estes infamias que Spoleto esteve em

Roma, de onde, depois de lambor o chulé do papa, trouxe a absolvição para todos os seus crimes.

Que banditos!

Mais ainda tem feito á policia de S. Paulo.

Um matutino encheu durante dias colunas e colunas sobre os seus crimes, de um dos quais apenas podemos fazer uma ligeira menção.

Antonio Mattia, trabalhador conhecido, veio a esta capital a negócios seus. Aqui teve um abrito de carácter associativo com uma mulher relacionada com um bacharel delegado, que lhe tomou as dores.

Antonio Mattia foi preso, transportado, por vezes, de um posto para outro, dormindo no chão, sem comer, e, depois de alguns dias posto em liberdade.

Dias após foi preso novamente. No posto de S. Caetano quiseram os soldados obriga-lo a comer o resto dos presos e, como ele protestasse, espancaram-no horripidamente. Receberam ferimentos pela cabeça, pelos braços e pelo corpo. O braço esquerdo tem-se inutilizado.

Cometido o crime era preciso occorrer. Foi Mattia mandado comolouso para o hospital de Jaquary, de onde saiu cinco dias depois num estado deploravel.

Em que época estamos? Provavelmente sob o dominio de Scarpia ou de Torquemada.

Seção amena Dois selvagens, tempos antes convertidos por um missionario, viram-se ás portas da morte, não se lembrando então das formalidades cristãs que deviam cumprir para «bem morrer» e salvar a alma e que o padre tanto lhes recomendara.

— Parece-me que no fim de devemos regar o padre-nosso, opinou um deles, rebuscando nas suas reminiscencias.

— Não, exclamou o outro, subitamente iluminado: no fim, era sempre o peditorio. Devemos fazer um peditorio...

Uma destas noites perguntava a gentil condessa papalina P...:

— Acredita no amor?

— Antes do meu casamento, acreditava, respondeu ela, languida e melancolica.

— Mas então agora?

— Agora... acredito nele como em Deus; disseram-me que ele existe, mas eu nunca o vi...

No collegio de freiras, entre outras coisas úteis que se ensinavam aos meninos, eles aprendiam a reçar.

Um pequeno, a quem ensinavam o «Padre-Nosso», ao repetir a oração dominical, disse:

— «O meu nozso de cada dia nos dá hoje, com manteiga...»

— Isso não é o Padre-Nosso! interrompeu a freira.

— Mas pediu pão seco nem vale a pena. Basta o que eu ganho em casa.

Azeite para a «Lanterna» Subscrição voluntaria em prol da Lanterna, conseguida pelo companheiro Candido Reis, de Santos:

João Figueira, 28. Candido Reis, 18. Benedito Brandão, 18. Heis Cortez, 18. Alípio Baptista, 28. Balilio J. Becker, 18. Albino Silva, 18. Francisco Impastari, 18. Manoel P. Monteiro, 28. Luiz Stern, 28. José Manoel da Silva, 18. J. P. S. M., 18. Olegario, 18. Manoel N. R., 28. M. A., 18. Serafim Cordeiro, 18. Claudio Dias, 18. Abilio Vas Colapso, 18. J. R. Pain, 850 reis. Manoel Pereira, 850 reis. Paschoal Cyrillo, 18. Lima, 18. Camillo B. Boronati, 18. Leonidas Cortez, 18. Total, 285000.

DIVERSÕES Teatro Colombo — Com grande concorrência foi exhibida nesta tarde a extraordinaria farsa, em 12 partes, Os Miseráveis, extraída do notavel romance de Victor Hugo.

No espectáculo de hoje serão exhibidas as ultimas novidades cinematograficas das melhores fabricas estrangeiras.

Para amanhã, ás 2 horas da tarde, está annunciada uma magnifica manifestação.

Jeckey-Glub — Sempre concorrida tem sido as sessões sportivas no prado da Mooca.

Hoje haverá corridas com escolhidos pares.

